

“CADERNETA AGROECOLÓGICA” E A ECONOMIA FEMINISTA NOS TERRITÓRIOS DE SOBRAL E SERTÃO CENTRAL, CE

Marcia Joaquim da Silva¹

Daniela Queiroz Zuliani²

Fernanda Schneider³

RESUMO

O presente estudo propôs elucidar o papel das mulheres agricultoras do território de Sertão Central e Sobral na renda e segurança alimentar de suas famílias, a partir dos dados coletados na aplicação do dispositivo “caderneta agroecológica” em um ciclo produtivo. Esta pesquisa tem o intuito de caracterizar a economia produzida por elas em dois territórios do Ceará, pelas anotações da produção e sua monetarização, do que é vendido, consumido, trocado e doado. O método baseia-se na análise dos dados tabulados e sistematizados e do questionário socioeconômico dos dois territórios. O trabalho contribuiu na visibilização das atividades feitas por elas, sendo que no território de Sertão Central as médias de Consumo, Doação e Troca por agricultora somaram R\$ 2.348,93, e o valor da venda foi de R\$ 4.000,24. No território de Sobral a soma das médias foi de R\$ 4.218,67, e a venda foi no valor de R\$ 2.087,76. Percebe-se que os valores econômicos monetários e não monetários dos dois territórios são significativos. Conclui-se que o apoio das agricultoras na economia familiar é muito significativo, além do mérito na segurança alimentar dos seus familiares e no fortalecimento de renda.

Palavra Chave: Covid-19. Agroecologia. Quintais produtivos.

¹Graduanda do Curso de Bacharelado em Agronomia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

²Professora adjunta do Instituto de Desenvolvimento Rural da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

³Professora adjunto do Instituto de Desenvolvimento Rural da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

“AGROECOLOGICAL NOTEBOOK” AND THE FEMINIST ECONOMIC IN SUBAERIAL OF REGIONS AND CENTRAL BACKLAND

ABSTRACT

The present study clarifies propose the paper of women farmers of territory of central backland and income in subaerial and feed security of your families the depart of collected dice in device of application “agroecology notebook” in one productive cycle. This research has the aim of understand the economic produced for them in Cearra of two territory by annotation of production and their monetarization of what was sold, consumed, exchanged and donated. The based method in qualitative research, in dice of analysis tabbed and systematized and questionnaire of socioeconomic o two territories. The contribution works in visibility of activities made for them being in what territory of backland central the consume of averages, Donation and exchanged for added up farmers R\$2.348,93, and the value of sale was of R\$ 4.000,24. In territory of subaerial the sum of averages was of R\$ 4.218,67, and the sale was in value of R\$ 2.087,76. Realize that the values monetary economic and not monetary of two territories are significant. Concluded that the support of farmers in family economy is very significant, beyond of in security merit feed of their families and in income of photaliment.

Keyword:covid-19. Agroecology. Productive backyards.

1. INTRODUÇÃO

A Caderneta Agroecológica é uma ferramenta de mensuração econômica, feita pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), para dar visibilidade às atividades agroecológicas das agricultoras. Nela são anotados pelas agricultoras o consumo, a troca, a venda e a doação daquilo que é produzido nos quintais e nos locais de comando das agricultoras nos agroecossistemas, sempre se pensando na produção sustentável agroecológica. A Agroecologia oferece uma organização metodológica de trabalho levando a uma compreensão muito mais complexa da natureza, dos agroecossistema e dos seus conceitos, segundo os quais eles funcionam. A Agroecologia é compreendida como uma perspectiva científica atribuída para

sustentar a mudança dos atuais padrões de evolução rural e de agricultura convencionais para estilos de progresso rural e de agriculturas sustentáveis (Caporal e Costabeber, 2000).

Os quintais produtivos, terreiros ao redor de casa, como são denominados pelas agricultoras em diferentes partes do país, com o tempo, vêm ganhando espaços nos debates sobre agroecologia e em pesquisas sobre o tema. Em 2010, a pesquisa sistematizada pelo GT de Mulheres da ANA - organizada no livro *Mulheres e Agroecologia: coordenação de experiências de mulheres agricultoras* observou que os quintais agrícolas são lugares estratégicos para o trânsito agroecológico, isto é, tanto para a produção de alimentos possibilitando a segurança alimentar das famílias, seja para a investigação e na geração de renda monetária e não monetária (Arzua et al. 2010). Neste contexto, de acordo com Almada e Mariana Oliveira Souza (2017), os quintais consistem em valioso espaço de partilha e relações, que pode ser caracterizado como lugar privilegiado para a sociedade desenvolver os conhecimentos tradicionais, o contato entre seres humanos e não humanos.

Nos quintais é encontrada uma biodiversidade ampla, resultante das modificações ambientais e socioculturais dos ecossistemas onde estão habitados, como de espécies nativas, assim como as cultivadas, que fazem a composição da agrobiodiversidade manuseada pelas diversas populações humanas e assim mantendo sua efetividade ecológica e conservação de diversidade genética.

A contribuição econômica das agricultoras agroecológicas no espaço rural ainda mantém-se ignorada em grande medida, principalmente as relações econômicas que não impulsionam recursos monetários, como o autoconsumo, as trocas e doações de sua produção, as atividades domésticas e cuidados exclusivamente sob suas responsabilidades. Portanto, todos esses trabalhos exercidos pelas mulheres configura uma elevada vida econômica, mas que continua sendo marginalizada e invisibilizada pela orientação ortodoxa dos conceitos econômicos que masculinizam a economia.

Percebe-se, que há um amplo conjunto de tarefas efetuadas pelas mulheres, mas que não são consideradas como trabalho e, portanto, não são estabelecidas nos dados oficiais e dentro da lógica mercantil que administra a percepção hegemônica sobre economia. A densidade econômica e das

atividades do dia-a-dia das mulheres é invisibilizada, isto é, boa parte das operações e ações não são monetarizadas ou contabilizadas de forma racional para incorporação em mercados formais. O trabalho de produção e reprodução das mulheres é considerado como uma atividade “complementar” aos homens que empreendem trabalhos remunerados, considerados apenas como uma economia doméstica e desvalorizada.

A organização social dos gêneros estrutura a atividade doméstica como responsabilidade e obrigação das mulheres. Dessa maneira, são naturalizados e por decorrência, invisibilizados. Assim, como a atividade doméstica, a produção dos quintais é naturalizada, passam de forma despercebida na estruturação de renda familiar. Ao longo das últimas décadas a questão da igualdade de gênero e o reconhecimento do papel e da participação da mulher nas tomadas de decisões vêm crescendo. No meio rural, embora em passos mais lentos que nas cidades, a participação das mulheres nas atividades econômicas é um fato evidente. Suas atividades são das mais diversas no meio rural, desde atividades ligadas à produção e comercialização dos produtos agrícola, até às atividades domésticas, e mesmo assim elas não possuem independência econômica nem visibilidade de suas atividades. A necessidade de dar visibilidade às atividades realizadas pelas mulheres no meio rural é grande, principalmente para que lhes seja feito o devido reconhecimento pelo grande papel por elas desempenhado, no que diz respeito à agroecologia e as suas práticas.

A realização do presente estudo pretende elucidar o papel das mulheres do território de Sertão Central e Sobral, no que diz respeito à participação das atividades por elas realizadas na economia da família, quantificação das horas trabalhadas e obtenção de um cálculo do quando poderiam ganhar caso os produtos agrícolas de auto sustento fossem comercializados. Também permitirá uma valorização do papel participativo das mulheres na economia doméstica e o reconhecimento delas além da visão da mulher-mãe-esposa, assim como a mostrar a grande contribuição que elas desempenham na gestão da economia e também no planejamento com base agroecológica, pensando no desenvolvimento de uma maneira sustentável de produção agrícola. Por tanto o trabalho objetivou caracterizar a economia produzida pelas agricultoras de dois territórios do Ceará a partir das cadernetas agroecológicas em um ciclo

produtivo. Para tanto, buscou-se averiguar a contribuição econômica familiar das Mulheres de Sobral e Sertão Central antes e durante a Pandemia (COVID-19); avaliar a contribuição da produção protagonizada pelas agricultoras agroecológicas na economia familiar, através das relações de consumo, troca, doação e venda em ciclo produtivo; e verificar a influência da Pandemia na produção.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1. ECONOMIA FEMINISTA

Neste capítulo o foco central é dado pelas mulheres camponês-rurais e as suas lutas na construção da própria autonomia. A organização feminista tem um papel extremamente importante nas lutas das mulheres brasileiras e na construção de políticas públicas. Com isso, o feminismo serve de uma base que relata o sistema patriarcal respeitável e estruturador de uma existência social do Brasil, que justifica o poder do homem sobre a mulher. No entanto, o feminismo serve-se de uma ferramenta que questiona e analisa o complexo ou conjunto de pensamento dominante, comprovando a irracionalidade, e a forma como as estruturas das construções sociais têm impossibilitado as mulheres de exercer os exercícios da cidadania (SILLIPRANDI, 2000).

Fazer das mulheres personagens políticos, que pertencem a uma sociedade com autonomia e visibilidade, é um dos desafios da sociedade atual. Porém a proposta de incluir num mesmo debate, feminismo, gênero e políticas públicas pode ser uma via para a construção do novo padrão social, e um dos instrumentos para descobrir e quebrar as técnicas de abuso e diferenciação contra as mulheres. Segundo a feminista norte-americana Bell Hooks (2000) ela afirma que: “o feminismo é uma associação para terminar com o sexismo, o proveito e a violência sexista”.

Na perspectiva que envolve o feminismo, as mulheres brasileiras foram inspiradas pelo feminismo branco europeu e norte-americano. Neste contexto deram o início os seus primeiros enfrentamentos na procura de independência e de seus direitos políticos, sociais e econômicos, enfrentando o governo

ditador que dominava o Brasil no período da ditadura militar. Com tudo isso, as bandeiras da primeira onda feminista, que defrontava pela eleição universal, já haviam sido conquistadas no Brasil em 1932. O feminismo brasileiro, formado na década de 1970, incluiu inicialmente indagações e confrontos relacionados à sexualidade, à saúde da mulher e à violência (CIOMMO, 1999).

Com o aparecimento desses novos atores no campo político (FARAH, 2004), criaram-se bloqueios que retraíram as ligações sociais e políticas do Estado com as mulheres, criando modificações e outra visão em respeito às políticas públicas, como afirma Bandeira e Almeida (2013), estas eram totalmente infundido de essencialismos e discriminações, visto que:

Historicamente, tais políticas eram desenhadas e aplicadas apenas pela elite política (homens brancos, heteronormativos, com alto grau educacional, concentração de renda e inserção social). As vozes e as experiências originadas fora da esfera hegemônica não eram consideradas legítimas, uma vez que o Estado não as qualificava em seu horizonte de atuação. As mulheres não estavam presentes na política – nem na tomada de decisões nem como suas destinatárias específicas” (Bandeira e Almeida, 2013, p. 36).

Os planos das organizações de mulheres seriam de instigar os organismos governamentais na criação de políticas públicas assim como de funções que lhes farão tornarem-se titulares de direitos e dessem visibilidade às suas demandas. Tudo isso ocorre na procura de modificações sociais e políticas, que tornarão públicas e politizadas as violências e exclusão que contornavam a sociedade brasileira, tornando-as objeto de legislação e de políticas públicas (PINTO, 2006), que lhes garantirão liberdade, autoridade e autonomia.

Contudo no ano de 1975, as organizações internacionais, principalmente a Organização das Nações Unidas (ONU), deram o início ao procedimento de respostas às ações das mulheres, assim, estabelecendo no mesmo ano, a Década da Mulher, durante a 1ª Conferência Mundial da Mulher, organizada no México. Com intuito de acabarem com as barreiras que dantes impediam a igualdade formal entre os gêneros, neste sentido, muitos países fizeram modificações em suas legislações, depois de aprovação a Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (SILLIPRANDI, 2000) em 1979, e foram criadas condições públicas que promovem os direitos das mulheres.

No Brasil, essa prática de institucionalizar as exigências do movimento de mulheres deu-se somente em 1983 com o surgimento dos primeiros Conselhos Estaduais de Direitos da Mulher e da Condição Feminina (MOMO et al, 2013). Entretanto no ano de 1985, criou-se a nível nacional o Conselho Nacional de Direitos da Mulher (CNDM), órgão colegiado de natureza consultiva e deliberativa, criado pela Lei nº 7353, de 29 de agosto de 1985, este órgão tem como objetivo de impulsionar as políticas que acabem com a discriminação contra a mulher e que garantam a sua participação nas execuções de atividades políticas, econômicas e culturais do país (BRASIL, 2015).

A Economia Solidária vem ao encontro dessas demandas, pois tem como foco central das suas atividades a valorização do ser humano. Nesta perspectiva, criar ponto de vista a respeito da mulher enquanto elemento responsável desta economia é tomar frente e defrontar a problemática da desigualdade que se encontra no meio político e econômico e, incentivar a produtividade e a produção (NOBRE 2015).

No mesmo sentido, a Economia Feminista baseia-se em uma economia que deseja melhorar a condição econômica e de trabalho das mulheres rurais, pondo em destaque a importância e o papel que estas sujeitas ocupam na economia e na família (COELHO, 2009). Ainda, é a percepção dada ao (in)visível pelo modelo Capitalista: neste caso a separação sexual de atividades, onde existem tarefas que são consideradas para os homens e assim como para as mulheres, além da importância do valor econômico dado ao trabalho de acordo com a quem as efetua (MORENO 2014).

A partir da altura em que acontece a inserção da questão das mulheres na Economia Solidária, houve melhoramento por via da Economia Feminista, com a criação de trabalho e renda, de acordo com as normas estabelecidas pelas mulheres, onde, muito mais que a economia, as mulheres procuram trazer em seu poder a valorização, o respeito e reconhecimento de seus trabalhos (MORENO 2014).

No instante em que a Economia Feminista leva em seu poder a extensão voltada à Economia Solidária, ela proporciona a inclusão das mulheres nas afinidades econômicas, além de desfazer e acabar com as

desigualdades econômicas e as sociais que estão inseridas e fixadas culturalmente entre homens e mulheres (SIMON; BOEIRA, 2017).

2.2. COVID-19 E A PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A epidemia corrente que teve início no final de 2019, ocasionada pelo Covid-19, ocorrido em todos os continentes, trouxe consequências negativas que se transformaram em crises em todas as áreas da vida humana. Segundo (SOENDERGAARD, 2020) a pandemia de Covid-19 atingiu toda a sociedade e em todos os países do mundo de maneiras desiguais, e causou situações desagradáveis em alguns territórios, mais que em outros.

A organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) sugeriu a utilização do comércio virtual aos pequenos agricultores, com intuito de superação da pandemia Covid-19, e, por outro lado, suprimir a escassez dos alimentos (Galanakis, 2020). Levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponibilizado no censo agropecuário 2017 (IBGE, 2019), determina que por volta de 3,8 milhões de organizações rurais são ordenados como agricultura familiar, abrangendo uma extensão de 80,9 milhões de hectares.

3. METODOLOGIA

As Cadernetas Agroecológicas se constituem em ferramenta metodológica, criada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA/ZM) em diálogo com o Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) para monitorização da produção monetária e não monetária das mulheres agricultoras e foram feitas para ser instrumento de fácil uso pelas agricultoras. Ela é um instrumento político-pedagógico de formação das mulheres, com o objetivo de “empoderar” as mulheres, a partir da visibilidade gerada e da tomada de consciência sobre a importância do trabalho delas próprias, tendo como ponto de partida a percepção destas sobre a importância da sua participação na produção e renda familiar, contribuindo, dessa forma, para a promoção da autonomia das mulheres.

Apresentada em formato de caderno, a Caderneta Agroecológica tem quatro colunas para organizar as informações sobre a produção das mulheres. Nela anotam-se diariamente o que foi vendido, doado, trocado e consumido, possibilitando o conhecimento do que foi produzido nos espaços de autonomia das agricultoras, nas unidades de cultivo da agricultura familiar e camponesa, desde a produção agropecuária ao artesanato e o beneficiamento.

No Ceará, uma das instituições que realiza trabalhos com a Caderneta Agroecológica é o Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador-CETRA, Organização da Sociedade Civil – OSC. Assim, a presente pesquisa utilizou os dados coletados e sistematizados pela CETRA. Para tanto, foram feitas reuniões virtuais com as técnicas de Sobral e Sertão Central em outubro de 2020. As reuniões foram de extrema importância para organizar a pesquisa, determinar quais seriam as agricultoras sujeitas da pesquisa e estabelecer os territórios que seriam analisadas. Para a coleta de dados foram usadas duas ferramentas de investigação: as cadernetas Agroecológicas e o Questionário de caracterização Socioeconômico.

As informações que constam no questionário socioeconômico são muitas, como informações sobre a participação da família; informações sobre a família da agricultora e sobre a residência; informações sobre acesso a bens naturais; acesso a políticas públicas pela agricultora; acesso a mercados pela família; organização econômica das agricultoras; fonte de renda da família e participação social da agricultora, entre outras. Para realização desse trabalho foram utilizadas as seguintes informações socioeconômicas coletadas no questionário: informações sobre agricultora, informações sobre a família da agricultora, acesso a mercados pela família.

A coleta de dados desenvolvida pelas técnicas de CETRA e utilizada neste estudo foi de dois territórios do Ceará – SOBRAL e SERTÃO CENTRAL, nas propriedades rurais das mulheres agricultoras, com dados de setembro de 2019 a setembro de 2020.

O território Sertão Central abrange uma área de 15.678,4 km² e é composto pelos municípios de Banabuiú, Choró, Quixadá, Quixeramobim, Deputado Irapuan Pinheiro, Ibareta, Milhã, Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Senador Pompeu e Solonópole. A população total é constituída de 352.397 habitantes, sendo que 46,87% deste total vivem em áreas rurais, ou

seja, 165.184 com 28.808 agricultores familiares, 2.096 famílias assentadas, 304 famílias de pescadores e 03 (três) comunidades Quilombolas. No território de Sertão Central a distância de (Quixeramobim) para a capital **Fortaleza CE** é de **184,49 km**. Este trabalho foi realizado em dois municípios, Quixadá e Quixeramobim, em dez comunidades, sendo quatro comunidades no município de Quixadá: Salgadinho, Quilombo sítio Veiga, Bom jardim, Vila rica. E seis comunidades no município de Quixeramobim: Mearim I, Recanto dos patos, Patos, Lages, Aroeiras, Onça.

O território de Sobral se estende por 2.122,9 km² e contava com 210.711 habitantes no censo de 2020. Vizinho dos municípios de Forquilha, Meruoca e Massapê, fica situado a 66 metros de altitude. A distância entre a cidade de **Fortaleza**, Ceará, e a cidade de **Sobral**, Ceará é de **232 km**. Este trabalho foi realizado no município de Sobral em dezesseis comunidades: Bom Jesus, Feitoria, Boqueirão, Santa Croatá, São Francisco, Vassoura, Patos, Cavalo Morto, Riacho do Gabriel, Branco, Assentamento São João, Aracatiaçu, Santa Luzia, Morro e Casa Forte.

3.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS AGRICULTORAS AGROECOLÓGICAS DE SERTÃO CENTRAL

Nas dez comunidades trabalhadas no Sertão Central, participaram no total de mulheres, vinte mulheres responderam o questionário socioeconômico. Verificou-se que nove agricultoras são casadas, quatro se encontram em regime de união estável e cinco delas estão solteiras. No entanto, com relação à raça/cor sete agricultoras declaram ser Pretas, nove delas declaram ser pardas, duas declaram serem Quilombolas e duas declaram ser Amarelas e nenhuma declara ser brancas. A média de idade dos participantes de Sertão Central é de 49 anos. Com relação ao nível escolar das mulheres agricultoras: quatro delas fizeram Ensino Médio completo, uma fez Ensino Médio incompleto, treze fizeram Ensino Fundamental Incompleto, uma fez Ensino Superior completo e uma Analfabeta.

Com relação ao número de filhos, 40 % que correspondem a oito mulheres agricultoras possuem dois filhos cada uma, 15% que correspondente a três mulheres, têm três filhos, 25% que corresponde a cinco agricultoras têm

um filho cada, 5% correspondente a uma mulher que tem 4 filhos e 15% corresponde a três agricultoras e estas não têm filhos.

3.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS AGRICULTORAS AGROECOLÓGICAS DE SOBRAL

No território do Sobral foram trabalhadas com dezesseis comunidades, e participaram trinta e seis mulheres, e somente vinte e nove responderam o questionário socioeconômico. No entanto, verificou-se que vinte e quatro agricultoras são casadas, duas se encontram em regime de união estável, duas estão viúvas e cinco delas estão separadas do marido. Com relação à raça/cor cinco agricultoras declaram ser pretas, dezessete delas declaram ser Pardas, nenhuma declaram serem Quilombolas e Amarelas e sete declaram ser brancas. A média de idade na amostra de Sobral é de 46 anos. Em nível da escolaridade das agricultoras: Sete fizeram Ensino Médio completo, uma fez Ensino Médio incompleto, três fizeram Ensino Fundamental completo, catorze fizeram Ensino Fundamental Incompleto, três fizeram Ensino Superior completo e uma Analfabeta.

No que diz respeito à relação do número de filhos, 24,14% correspondente a sete mulheres agricultoras (14 filhos dois filhos de cada agricultora); 24,14% corresponde a sete mulheres (28 filhos quatro filhos de cada mulher), 17,24% correspondente a duas agricultoras (10 filhos, cinco filho de cada mulher), 10,34% corresponde a três mulheres (9 filhos três filhos de cada agricultora), 6,90% correspondente a duas agricultoras (10 filhos, cinco filhos de cada mulher), 6,90% corresponde a duas agricultoras (12 filhos, seis filhos de cada agricultora) e 6,90% correspondente a duas agricultoras (14 filhos, sete filhos de cada mulher).

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A aplicação das cadernetas agroecológicas e do questionário socioeconômico foi realizada no período de setembro de 2019 a setembro de

2020, ou seja, no período antes da pandemia e durante a pandemia, nos dois territórios. No território Sertão Central o projeto Caderneta Agroecológica contava com a participação de vinte e três agricultoras em dois municípios (Quixeramobim e Quixadá) e dez comunidades, mas houve a desistência de (3) agricultoras, e um falecimento no período da pandemia, permanecendo 19. No território de Sobral o trabalho contou com trinta e seis agricultoras em município (Sobral) e dezesseis comunidades e com a desistência de duas agricultoras antes da pandemia e quatro agricultoras no início da pandemia por dificuldade de acesso aos meios tecnológicos, permaneceram 32.

Os dados da tabela 1 apresentada abaixo retratam os diferentes tipos de acesso ao mercado das agricultoras do território de Sertão Central e território de Sobral, coletado através do questionário socioeconômico.

Tabela 1: Informações do questionário socioeconômico sobre acesso a mercados das agricultoras do projeto caderneta agroecológica no período de setembro de 2019 a setembro de 2020 do território de Sertão Central e Sobral.

TERRITÓRIO	Participante	Número de agricultoras	Feira agroecológica	Mercadinho Local	Venda em Casa	Venda porta a porta	Venda na comunidade	PAA Individual	Outros
Sertão Central	Nº		10	2	17	8	6	0	4
	%	100%	50	10	85	40	30	0	20
Sobral	Nº		26	1	25	3	21	1	3
	%	100%	89.66	3,45	86.21	10.34	72.41	3,45	10.34

Conforme Schneider (2016) nos tipos de mercados da agricultura familiar percebe-se que existem diversas formas no processo de troca: mercados de vizinhança, onde a confiança e a amizade são consideráveis; mercados locais e territoriais, onde a reputação decorrente da credibilidade e da confiabilidade, assim como a procedência e preços são determinados; mercados convencionais, o que mais predomina são os contratos e preços; mercados públicos e institucionais, o que mais prepondera são os contratos públicos e leis.

Pode-se afirmar que a agricultura familiar mantém dois tipos de vínculos simultâneos com os mercados dos seus produtos: um deles com cadeias

integradas nacional e internacionalmente; e outro denominado circuitos regionais de produção, distribuição e consumo de alimentos (Maluf, 1995). Nos territórios pesquisados a comercialização ocorre por circuito curto. No Brasil ainda não existe uma definição formal para circuitos curtos (CC), mas o conceito indica uma aproximação entre produtores e consumidores (Darolt et al. 2013). Darolt et al. (2013) ainda afirmam, que existem autores que definem circuito curto de comercialização como comercialização com até um intermediário, e associam ainda à questão da territorialidade.

Percebe-se que a Feira Agroecológica (Tabela 1), que é um circuito curto de comercialização, é acessada majoritariamente pelas agricultoras do território de Sobral com quase 89.66% de adesão, que corresponde a 26 agricultoras, comparando-se com as agricultoras do território de Sertão Central que acessam em cerca de 50%, com somente 10 agricultoras participantes. No território de Sobral são realizadas três vezes por mês a Feira Agroecológica na cidade e uma vez por mês a Feira é realizada na comunidade de Aracatiçu, que é uma das comunidades onde a Caderneta Agroecológica foi aplicada.

Do mesmo modo, no Sertão Central são realizadas Feira Agroecológica três vezes por mês, uma vez em município de Quixadá e duas vezes em município de Quixeramobim. Isto é, a Feira Agroecológica acontece fora das comunidades onde a Caderneta Agroecológica foi aplicada no território de Sertão Central, o que pode dificultar a participação das mulheres nas feiras. Lembrando que as agriculturas dos dois territórios participam de Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Ceara, é uma Rede maior com a qual parte das mulheres de todos os territórios dialogam em processos de formação, intercâmbios, etc.

Por outro lado, nos dois territórios denota-se que a maiorias das agricultoras comercializam os seus produtos em casa. No território de Sertão Central 17 agricultoras correspondentes a 85% fazem venda em casa, e no território de Sobral 25 agricultoras que corresponde a 86,21% também realizam venda em casa. Ainda, no território de Sertão Central verificou-se que 8 agricultoras, que corresponde a uma percentagem de 40%, fazem venda porta a porta. Em comparação com a do território de Sobral foi observado um número menor de agricultoras que realizam venda dos produtos porta a porta, ou seja, somente 3 agricultoras, que corresponde a 10,34%.

A venda porta a porta é aquela em que o produtor desloca-se até a porta do consumidor com os seus produtos para comercializar. Segundo Kiyota & Gomes (1999) a desvantagem de venda porta a porta, no estudo de caso realizado sobre estratégias de comercialização em Capanema, relata que no começo das vendas é muito difícil: quem vai vender se sente um intruso ao bater na porta de uma casa. No presente estudo, 21 agricultoras do território de Sobral, equivalentes a 72,41%, dedicam-se a venda na comunidade, isto é, um número considerável comparando com o território de Sertão Central, onde 6 agricultoras (30%) que participam da venda na comunidade. A venda no mercadinho local tanto no território de Sertão Central e do Sobral apresentam-se baixa percentagem de participação das agricultoras, assim como no PAA Individual (Programa de Aquisição de Alimentos) e outros tipos de vendas na comunidade. Segundo Darolt (2012), a maior parte dos produtores de base ecológica com resultados lucrativos na comercialização tem utilizado deferentes formas de venda, feiras do produtor, entrega de cestas em domicílio e, mais recentemente, compras governamentais, portanto seria uma estratégia a ser desenvolvida de forma mais efetiva nos territórios estudados.

Na figura 1 é apresentado o valor total (A) e a média/agricultora (B) dos valores anotados nas cadernetas agroecológicas, conferidos às relações econômicas (consumo, doação, troca e venda) entre os dois territórios tratados.

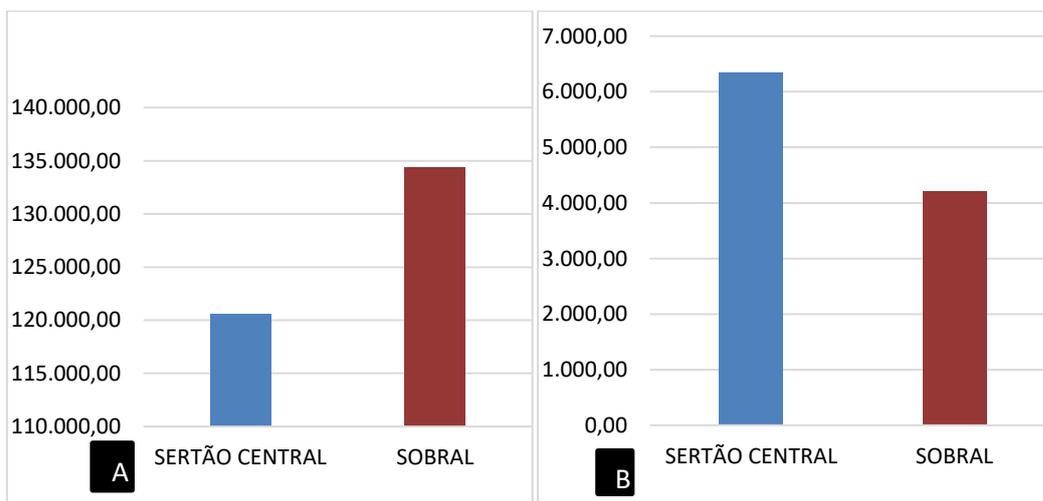


Figura 1: Valor total da produção (A) e valor médio/agricultora (B) da relação econômica (consumo, doação, troca e venda) das agricultoras do projeto Caderneta Agroecológica de território Sertão Central e Sobral de setembro de 2019 a setembro de 2020.

Referindo ao valor total de consumo, doação, troca e venda o território de Sobral apresenta maior valor R\$134.330,31 em comparação com o território

de Sertão Central R\$ 120.527,60, esta diferença é esperada, devido ao maior número das agricultoras do município de Sobral em relação ao Sertão Central.

De acordo com o cálculo feito, nota-se que a média de valor total do território de Sertão Central foi de R\$6.347,24 enquanto do território de Sobral foi de R\$4.197,82, isto demonstra que no território de Sertão Central apresenta a maior média/agricultor em comparação com o território de Sobral.

Na figura 2 são apresentados os valores totais (A) e médias dos valores totais (B) por relações econômicas entre os territórios.

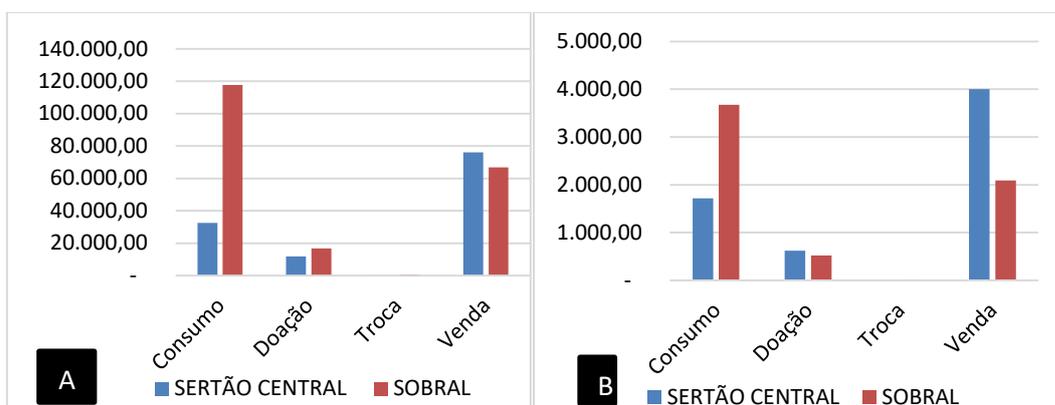


Figura 2: Valor total (A) e valor médio/agricultora (B) da produção por relação econômica (consumo, doação, troca e venda) das agricultoras do projeto Caderneta Agroecológica de território Sertão Central e Sobra de Setembro de 2019 a setembro de 2020.

Nota-se que no território de Sobral o valor total das relações econômicas produzidas pelas agricultoras durante um ano foi de R\$134.330,31, com R\$66.808,83, correspondente a 50,55% oriundo da venda de produção. O Consumo corresponde a 37% equivalente a R\$117.644,55, Doação 12% que corresponde a R\$16.694,85, Troca 0,45% no valor de R\$ 658,50. Enquanto que no território de Sertão Central o valor total das relações econômicas durante um ano foi de R\$ 120.577,60, isto é, com R\$ 76.004,56, que corresponde a 63% do valor vendido. O consumo corresponde a 27% equivale a R\$ 32.577,69, Doação 9,7% correspondente a R\$11.736,05 e Troca não chega nem 1 % correspondente a R\$259,30, ou seja, a venda e consumo apresentam maior valor, em comparação à troca e doação nos dois territórios. O município de Sobral apresenta maior valor total em todas as relações econômicas não monetárias, exceto na venda em comparação com município da região de Sertão Central. Pois, percebe-se que a maior parte dos produtos é

destinada para comercialização e consumo da própria família. Lembrando que no território de Sertão Central as principais formas de venda dos seus produtos são através de Feira agroecológica, venda em casa e venda porta a porta. Enquanto no território de Sobral as agricultoras vendem os produtos através de Feira agroecológica, venda na comunidade e venda em casa. Vale ressaltar que o valor total da relação econômica consumo foi bem elevado em Sobral, demonstrando a importância da agricultura de subsistência na reprodução social deste território. Outra possível explicação seria que as agricultoras de Sobral estariam mais estimuladas e cientes da importância de fazer anotações referentes ao consumo, pois de uma maneira geral, conforme relatado nas reuniões com as técnicas do CETRA, as agricultoras tendem a esquecer de anotar as relações monetárias consumo, troca e doação. Isto se deve ainda aos conceitos que se desejam desconstruir com esse trabalho das Cadernetas agroecológicas, que seria exatamente a marginalização dessas relações econômicas não monetárias em detrimento das relações mercantis capitalistas.

De acordo com (Cardoso, 1987) uma das principais características da produção familiar é a produção para autossubsistência combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente. Contudo a relação entre o autoconsumo e o mercado vai sendo alterada à medida que ocorre a inserção das relações capitalistas no campo, e por isso o camponês deixa de atender somente a sua subsistência, também passa a desejar a ter acesso a bens materiais e culturais (GRISA; SCHNEIDER, 2008). Ainda, para Buainain (2006) a dinâmica da produção da agricultura familiar abrange, em primeiro lugar, a procura de a autonomia alimentar, em seguida a comercialização dos produtos.

Referente ao cálculo da média da produção por relação econômica (consumo, doação, troca e venda) percebe-se que o território de Sertão Central apresenta a média de Consumo, no valor de R\$ 1.714,61, Doação no valor de R\$ 617,68, Troca no valor de R\$ 13,64 e a venda no valor de R\$ 4.000,24. Enquanto que no território de Sobral a média do valor total da produção por relação econômica (consumo, doação, troca e venda) verifica-se que o valor do Consumo foi de R\$3.676,39, Doação foi de R\$521,71, Troca foi de R\$ 20,57 e a venda foi de R\$ 2.087,76. Foi possível observar que ao calcular a média das

relações econômicas, a venda/agricultora no território de Sertão Central é maior em comparação com a do território de Sobral.

No território de Sertão Central ao fazer o somatório das medias das relações econômicas não monetárias (Consumo, Doação e Troca) foi no valor de R\$ 2.348,93, e assim como no território de Sobral o somatório das medias de Consumo, Doação e Troca foram no valor de R\$4.218,67. Percebe-se que os valores econômicos não monetários dos dois territórios são significativos, e esses valores são invisibilizados perante a economia clássica.

Ao sintetizar a analogia das medias das relações econômicas não monetárias de ambos os territórios, fornece ou faculta o suporte empírico ao que, tanto as economistas feministas e assim como o Polanyi (2000) aborda a respeito da noção de economia. Pois, percebe-se que as atividades não mercantis nas duas comunidades são muito relevantes e repercute as atividades e renda não monetária que são mudadas em benefício da economia familiar.

É importante frisar que as mulheres do território de Sobral possuem mais tempo de organização social em relação à comercialização, sendo que as agricultoras possuem experiência na Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Território de Sobral, realizados no mesmo território. Neste contexto, antes da chegada da caderneta agroecológica no território de Sobral, as agricultoras já tinham experiências no que diz respeito à comercialização dos produtos. Lembrando que nem todas as mulheres do território de Sobral tem maior tempo de organização social, inclusive a Rede de Feiras do Sertão é anterior a de Sobral. O maior valor médio de venda no Sertão Central pode ser explicado por um maior uso de outras formas de venda pelas agricultoras, como a venda de porta em casa ou na comunidade (Tabela 1).

Na Figura 3 são apresentados os dados agregados do valor da produção das relações econômicas (consumo, doação, troca e venda) mensais, que possibilitam um olhar entre os totais mensais estimados para o território de Sertão Central.

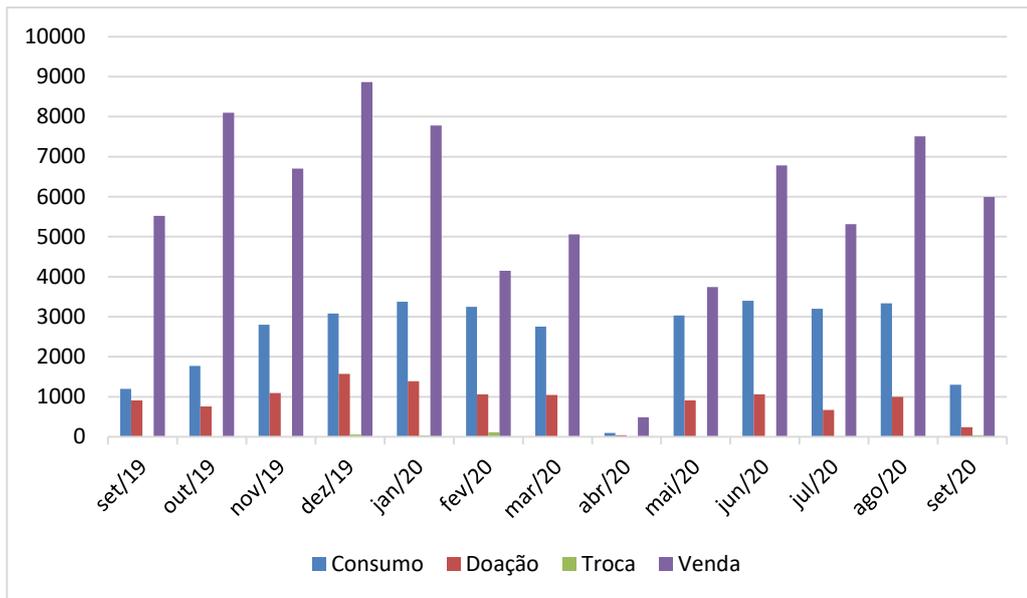


Figura 3: Valor mensal da produção das relações econômicas (consumo, doação, troca e venda) das agricultoras do projeto Caderneta Agroecológica do mês de setembro de 2019 a setembro de 2020 do território de Sertão Central.

Percebe-se que no período antes da pandemia e durante a pandemia a Troca acontece com baixa frequência, comparando com a Doação, sendo no mês de outubro, novembro, março, abril e no mês de maio de 2020 não aconteceu à troca.

Percebe-se que a venda possui valor mensal superior em quase todos os meses, ou seja, de setembro de 2019 a setembro de 2020 exceto ao mês de abril que foi no valor de R\$483,30, isso pode ser explicado pelo início da pandemia de coronavírus, e dificuldades na adaptação da coleta de dados pelas técnicas do CETRA, por ser feito no princípio de forma presencial.

Nos meses de pandemia, pode-se perceber que o volume de vendas não foi tão afetado, o que indica que as agricultoras conseguiram superar as dificuldades de circulação e venda impostas pela pandemia. As agricultoras participaram da Venda virtual da Organização Iarte Facebook, foi uma das formas que elas encontraram para continuar a comercialização dos seus produtos, isto justifica o não abalar a venda durante o período de pandemia. A preferência da compra dos moradores do território devido ao fechamento do comércio durante o período da pandemia pode ser uma explicação. Em agosto houve aumento das vendas, o que pode ser explicado pela liberação da organização de Feiras Livres pelo decreto Estadual nº 33.737, de 12 de setembro de 2020.

Por outro lado, percebe-se que entre o mês de abril de 2020 a atividade de consumo no valor de R\$97,50 e doação de R\$37,50, foram muito baixas, comparando com o valor de venda que foi no valor de R\$483,30, ou seja, no início da pandemia o nível de consumo, troca e doação diminuíram em relação à venda. Pode ser justificado devido a baixa anotação das atividades “não monetárias”, elas ainda têm dificuldades de anotar, pois anotam com menos frequência o valor do Consumo, Doação e Troca. Isso explica o fato de que a doação e troca quase não aparecem em todos os meses. Além disso, em abril pode ter havido a problemática da readaptação à metodologia das visitas presenciais que eram realizadas para a coleta dos dados, e que tiveram que ser suspensas durante a pandemia.

Na Figura 4 são apresentados os valores da produção das relações econômicas (consumo, doação, troca e venda) mensais do território de Sobral.

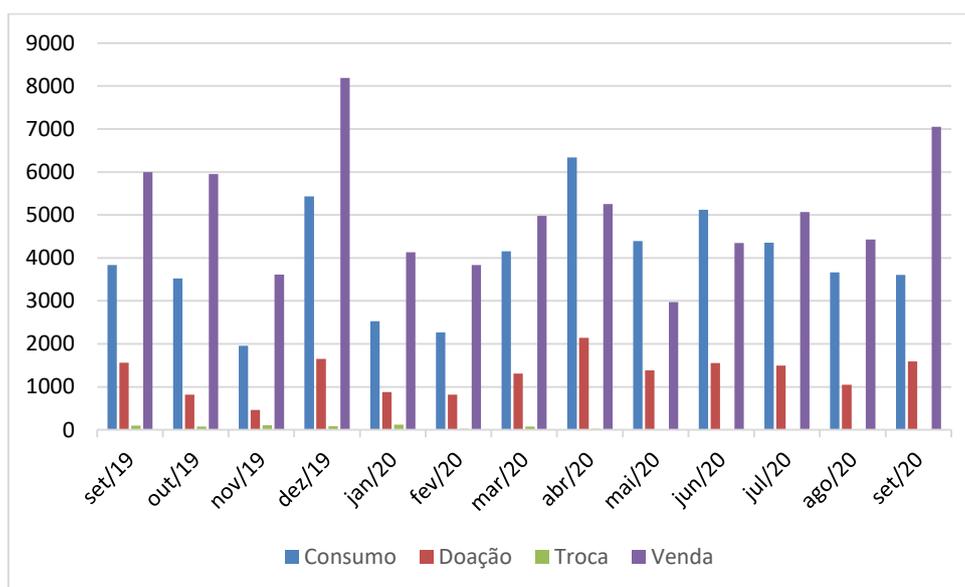


Figura 4: Valor mensal da produção das relações econômicas (consumo, doação, troca e venda) das agricultoras do projeto Caderneta Agroecológica do mês de setembro de 2019 a setembro de 2020 do território de Sobral.

Ao fazer uma análise entre as relações econômicas do mês de setembro de 2019 a setembro de 2020, pode-se observar que o único mês em que não aconteceu a troca foi no mês de julho 2020. Relativamente ao consumo no período antes da pandemia percebe-se que o mês com maior valor de consumo é o mês de dezembro que corresponde a R\$ 5431,75 e no período da

pandemia no mês de abril R\$ 6340,90. Referente ao mês de abril o consumo foi muito mais alto em relação à venda no valor de R\$ 525, do mesmo mês. Isto se deve provavelmente ao início do isolamento das famílias e as alternativas de segurança alimentar asseguradas pelo autoconsumo, além de dificuldade iniciais de adaptações às novas formas de venda.

Nota-se que no mês de novembro de 2019 e janeiro de 2020 foram meses com maior valor de troca em relação aos meses restantes. Fazendo uma comparação entre doação e troca, percebe que a doação acontece com mais frequência em relação à troca em todos os meses.

Portanto, percebe-se que no período da pandemia o fluxo da venda mensal teve um leve decréscimo principalmente no mês de abril, com valor de R\$ 5251, maio com R\$ 2973,75 e junho correspondente a R\$ 4346,6, comparado com o valor de consumo que foi mais alto, onde o consumo no mês de abril foi de R\$ 6340,9, mês de maio correspondente ao R\$ 4392,10 e mês de junho R\$ 5119,8. A diminuição da venda nos piores meses da pandemia no Estado do Ceará em Sobral (de abril a agosto) em 2020 pode ter sido provocada pela diminuição do contato social.

O aumento da venda no mês de setembro pode ser justificado pelas novas formas que usaram como alternativas conseguidas para superação desse momento desafiador da pandemia, com a realização das Feiras Agroecológicas e Solidárias Virtuais. Mediante reuniões de planejamento e articulação realizadas coma Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias de Sobral foi feito a organização de feiras virtuais com a participação de agricultoras e feirantes participantes nos municípios de Sobral e Senador Sá.

Foi possível verificar que o autoconsumo e as vendas locais têm possibilitado segurança alimentar local, mantendo o circuito de produção e consumo, uma vez que parte do comércio e transportes foi restringido e maior parte das famílias têm procurado produtos locais e de fácil acesso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cadernetas agroecologias serviram de ferramenta de grande relevância na vida das agricultoras do território de Sertão Central e do Sobral, proporcionando controle e registro de tudo àquilo que comercializam, trocam,

doam, consomem, dando visibilidade aos seus trabalhos, como é o objetivo da Caderneta.

Percebe-se ainda que a luta diária no espaço de produção, com intuito de sustentar a família com os alimentos que não são comprados no mercado (Consumo e Trocas) são de grande relevância no trabalho invisível da mulher. Percebe-se que a Caderneta Agroecológica é um dispositivo revolucionário que possibilita as agricultoras a se sentir a sua valorização, no que diz respeito ao trabalho realizado em casa ou em qualquer espaço em que ela pode tomar decisões e como anotar, fiscalizar e registrar, tudo isso contribui para que percebessem a renda produzida seja monetária e principalmente a não monetária.

Quanto às dificuldades, verifica-se que algumas agricultoras precisam das técnicas para acompanhá-la, porque tem dificuldades em fazer anotações dos dados das relações econômicas. A ausência dos materiais tecnológicos para a comunicação social, como celulares, internet, etc, são desafios que elas enfrentaram durante a pandemia.

Por fim, é possível perceber a grande importância que a Caderneta Agroecológica possui, mesmo com as dificuldades enfrentadas no período da pandemia causada pelo Covid-19, às agricultoras do território de Sertão Central e do território de Sobral, a grande maioria não desistiu de realizar anotações das suas atividades agrícolas, pois tem sido uma ferramenta que gera ânimo e incentivo para que continuem registrando os resultados das suas produções.

Lembrando que segundo as técnicas de CETRA em um dos questionários respondidas, informam que durante a pandemia as produções foram influenciadas de forma positiva e assim como negativa, isto é, vai se dependendo da agricultora. Principalmente no território de Sobral, onde existem agricultoras que chegaram a aumentar as suas vendas locais nesse período de pandemia. As mesmas destacam que durante a atual situação são obrigadas a passar mais tempo na sua residência, o que lhes permitiu a maior dedicação nos trabalhos produtivo e de outra forma, percebe-se que nem todas elas conseguiram vender os seus produtos, devido aos fatos supracitados.

Portanto, é necessário criar mecanismos para repensar a análise da economia clássica que colaboram para invisibilizar as atividades das mulheres. Visto que nos resultados encontrado o valor total produzido pelas mulheres de

território de Sertão Central durante um ano (setembro de 2019 a setembro de 2020) foi de R\$134.330,31, onde R\$ 67.523,48 é o valor dos dados não mercantil (Consumo, Doação e Troca). E no território de Sobral o valor total por ano foi de R\$ 120.527,60, e R\$ 44.573,04 corresponde ao valor das relações econômico não monetário (Consumo, Doação e Troca). Com isso, conclui-se que as agricultoras têm uma contribuição econômica familiar significativa no território Sobral e Sertão Central antes e durante a Pandemia (COVID-19).

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMADA, E; SOUZA, M. **Quintais: Memória, Resistência e Patrimônio Biocultural**. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017. p. 20.

Arzua Glauce, Cardoso Elisabeth, Faria Neuma, Ferreira Ana P, Martins Maíra, Schottz Vanessa. 2010. **Mulheres e Agroecologia. Sistematizações de experiências de mulheres agricultoras**. Vol. 1. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil / GT Mulheres da ANA.

BANDEIRA, L. M; ALMEIDA, T. M. C de. **A transversalidade de gênero nas políticas públicas**. Revista do Ceam, v. 2, n. 1, jan./jun. 2013. Universidade de Brasília, 2013.

BRASIL AGROECOLÓGICO – **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo)**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/planapo/>>. Acesso em 12/02/2021.

BUAUNAIN, A.M. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: questões para debate**. Série Desenvolvimento Rural Sustentável. Instituto de Economia da UNICAMP, vol. 5, 1 ed, Campinas, 2006.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e sustentabilidade**. Base conceptual para uma nova Extensão Rural. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, 10, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: IRSA, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Escravo ou Camponês? O Protocampesinato Nero nas Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CETRA: **Desenvolvimento, Sustentabilidade, solidariedade**. Disponível em: <<http://cetra.org.br/index.php/pt-br/13-institucional/atuacao/28-sertao-central>>, acesso 21.01.2021.

CIOMMO, R. C. DI. **Ecofeminismo e educação ambiental**. Uberaba: Editora da Universidade de Uberaba; São Paulo: Conesul, 1999.

COELHO, L. **Economia Feminista**. In.: CATTANNI, A. D.; LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Orgs.). Dicionário internacional da outra economia. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 128-132.

DAROLT, M.R. **Conexão Ecológica**: novas relações entre agricultores e consumidores. Londrina: IAPAR, 2012. 162 p.

Darolt, M. R.; Lamine, C.; Brandenburg, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. *Agriculturas*, 10(2), 2013.

FARAH, M. F. S. **Gênero e políticas públicas**. Revista Estudos Feministas, v. 12, n. 1, p. 47-71, jan/abr, 2004.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. *Revista Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 46, n. 2, jun. 2008.

Galanakis, C.M. (2020). **The foods systems in the era of the Coronavirus (COVID-19) Pandemic Crisis**. *Foods*. 9(523). doi:10.3390/foods9040523.

HOOKS, B. **Políticas feministas: de onde partimos**. Tradução livre de *Feminist Politics – where we stand*, primeiro capítulo de *Feminism is for everybody*, Bell Hooks, 2000.

IBGE. Censo Agropecuário 2017; resultados definitivos. [Rio de Janeiro, 2019]. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>>. Acesso em: 26. 02. 2021.

KIYOTA, N. & GOMES, M.A.O. **Agricultura Familiar e suas estratégias de comercialização: um estudo de caso no município de Capanema - Região Sudoeste do Paraná**. Organizações Rurais e Agroindustriais, Revista de Administração da UFLA v.1, n.2. Ago/Dez 1999.

MALUF, R. S. **Segurança alimentar e desenvolvimento econômico na América Latina: o caso do Brasil**. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 15, n.1(57), p. 134-140, jan./mar.1995.

MOMO, D. C; PAIVA, J. A.; RIBEIRO, A. S. C.; CARDOSO, B. L. D; SOUZA, W.J. **Institucionalização de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero: sistematizando trajetórias de iniciativas nacionais e internacionais**. Revista Holos, Ano 29, v 1, 2013.

MORENO, R. A economia na agenda política do feminismo. In.: MORENO, R. (Org.) **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. SOF: São Paulo, 2014, p. 23-18.

MUNICÍPIO DE SOBRAL. Disponível em: <<https://www.cidadebrasil.com.br/municipio-sobral.html>>, acesso em: 22.01.2021.

NOBRE, M. **Economía solidaria y economía feminista: elementos para una agenda.** In.: NOBRE, M.; FARIA, N.; MORENO, R. (Orgs.). *Las mujeres en la construcción de la economía solidaria y la agroecología. Textos para la acción feminista.* SOF: São Paulo, 2015. p. 13-44.

PINTO, G. **Mulheres no Brasil: espaço analítico de um plano de políticas públicas para mulheres.** Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG, de 18-22 de setembro de 2006.

POLANYI, KARL. **A grande transformação.** Rio de Janeiro: Compus, 2ª. ed. 2000. 337p.

SCHNEIDER, Sergio. **Mercados e agricultura familiar.** In. MARQUES, Flávia Charão; CONTERATO, Marcelo Antonio; SCHNEIDER, Sergio. (orgs.). **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural.** Porto Alegre: UFRGS, 2016. pp. 93-140.

SIMON, V. P.; BOEIRA, S.L. **Economia social e solidária e empoderamento feminino.** Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 532-542, set./dez. 2017.

SILLIPRANDI, E. **Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais.** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v.1, p. 61-71, jan/mar. 2000^a.

SOENDERGAARD, Niels, et al. **Impactos da covid-19 no agronegócio e o papel do Brasil.** *Inspere-Centro do Agronegócio Global.* Texto para discussão. 2. jun. 2020. Disponível em: <<https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2020/06/impactos-da-covid-19-no-agronegocio-e-o-papel-do-brasil-vf-a.pdf>> Acesso em 23.02.2021.